



## "Ninguém Está Seguro Até Que Todos Estejam": Uma Leitura Epidemiológica de "A Máscara da Morte Rubra" de Edgar Allan Poe

"No One Is Safe Until Everyone Is": An Epidemiological Reading of Edgar Allan Poe's "The Masque of the Red Death"

André Demambre Bacchi<sup>1</sup>

 <https://orcid.org/0000-0002-5330-3721>

Bruna Stievano Bacchi<sup>2</sup>

 <https://orcid.org/0000-0002-0672-7601>

### Resumo

A "Máscara da Morte Rubra" (1842) de Edgar Allan Poe serve como uma poderosa alegoria para as respostas sociais a epidemias, particularmente na interseção entre privilégio, negacionismo e falhas de saúde pública. Este artigo oferece uma análise interdisciplinar do conto de Poe sob as lentes da epidemiologia e dos determinantes sociais da saúde (DSS). Ao examinar a estratégia de isolamento seletivo do protagonista, Príncipe Próspero, exploramos seus paralelos com respostas históricas e contemporâneas a surtos de doenças infecciosas, incluindo a pandemia de COVID-19. Partindo da Epidemiologia, analisamos como o conto reflete estratégias falhas de prevenção primária, a ilusão de proteção absoluta entre os privilegiados e as consequências de ignorar a responsabilidade coletiva. Este estudo situa "A Máscara da Morte Rubra" em discussões mais amplas sobre iniquidades em saúde, imunidade coletiva e má gestão de crises. A representação narrativa do negacionismo físico e psicológico foi examinada em paralelo a casos reais de negação científica durante pandemias. Este ensaio argumenta que a ficção gótica de Poe não apenas antecipa padrões de resposta epidêmica, mas também serve como uma reflexão didática sobre as falhas éticas e estruturais que exacerbam crises de saúde pública. Em última análise, este conto sublinha a futilidade de estratégias individualistas de sobrevivência diante do contágio generalizado. Ao estabelecer pontes entre a análise literária e a perspectiva epidemiológica, este estudo destaca a relevância duradoura da literatura no exame crítico das atitudes sociais em relação à doença, à mortalidade e à ética em saúde pública.

**Palavras-Chave:** Literatura; Ética; Epidemiologia; Determinantes Sociais de Saúde; Doenças Infecciosas.

<sup>1</sup> Doutor, Faculdade de Ciências da Saúde - Universidade Federal de Rondonópolis, Rondonópolis (Mato Grosso), [bacchi@ufr.edu.br](mailto:bacchi@ufr.edu.br).

<sup>2</sup> Mestre, Instituto de Linguagens - Universidade Federal de Mato Grosso, Rondonópolis (Mato Grosso), [bruna.sb@live.com](mailto:bruna.sb@live.com).

### Abstract

Edgar Allan Poe's "The Masque of the Red Death" (1842) serves as a powerful allegory for societal responses to epidemics, particularly at the intersection of privilege, denialism, and public health failures. This article offers an interdisciplinary analysis of Poe's tale through the lenses of epidemiology and the social determinants of health (SDH). By examining the selective isolation strategy employed by the protagonist, Prince Prospero, we explore its parallels with both historical and contemporary responses to infectious disease outbreaks, including the COVID-19 pandemic. Drawing from epidemiological frameworks, we analyze how the narrative reflects flawed strategies of primary prevention, the illusion of absolute protection among the privileged, and the consequences of neglecting collective responsibility. The study situates "The Masque of the Red Death" within broader discussions on health inequities, herd immunity, and crisis mismanagement. The narrative depiction of both physical and psychological denialism is examined in parallel with real-world instances of scientific denial during pandemics. This essay argues that Poe's gothic fiction not only anticipates patterns of epidemic response, but also serves as a didactic reflection on the ethical and structural failures that exacerbate public health crises. Ultimately, the tale underscores the futility of individualistic survival strategies in the face of widespread contagion. By bridging literary analysis with an epidemiological perspective, this study highlights the enduring relevance of literature in critically examining societal attitudes toward disease, mortality, and public health ethics.

**Keywords:** Literature; Ethics; Epidemiology; Social Determinants of Health; Infectious Diseases.

---

### Introdução

Pandemias e epidemias, embora frequentemente examinadas por lentes estritamente biomédicas, constituem fenômenos complexos que transcendem a esfera da saúde, mobilizando dimensões políticas, sociais e culturais (Bhat, 2024). A forma como uma comunidade responde a surtos epidêmicos está intrinsecamente vinculada à sua organização estrutural, à distribuição de recursos e ao valor que atribui à vida humana – fatores que podem tanto exacerbar disparidades preexistentes quanto, inversamente, fomentar esforços coletivos em prol da solidariedade (Patterson et al., 2021). Ao longo da história, pandemias têm atuado como catalisadores de transformações profundas ou rupturas sistêmicas, remodelando economias (Callegari; Feder, 2022), desafiando hierarquias sociais estabelecidas (Rosenberg, 1992), e confrontando indivíduos com sua própria vulnerabilidade perante a mortalidade (Ganguly et al., 2020).

Nesse contexto, a literatura frequentemente espelha e interroga tais processos. Desde representações medievais da Peste Negra até narrativas contemporâneas sobre crises sanitárias (Karpouzou; Zampaki, 2022), os textos literários funcionam como registros culturais, capturando o

contexto de suas respectivas épocas, como análises críticas que expõem dilemas éticos e iluminam as variadas percepções sociais sobre contágio e finitude. Dentro dessa tradição, "A Máscara da Morte Rubra" de Edgar Allan Poe (Poe, 1842), publicado originalmente em 1842, é um marcante exemplo de como a ficção pode destilar em uma narrativa breve, porém evocativa, reflexões sobre os limites do poder, a ilusão de segurança e a inevitabilidade da morte (Bhat, 2024). O uso da ambientação gótica e do simbolismo visual por Poe constrói uma epidemia ficcional que dialoga com crises de saúde pública históricas e contemporâneas (Patterson et al., 2021).

O século XXI testemunhou múltiplas crises que reafirmam a urgência dessas discussões, sendo a pandemia de COVID-19 o exemplo mais recente e de larga escala. A rápida disseminação do vírus e as respostas governamentais variadas expuseram lacunas significativas nas estratégias de prevenção primária – desde higiene e distanciamento físico até a imunização –, ao mesmo tempo em que sublinharam o papel crítico dos determinantes sociais da saúde (DSS), isto é, as condições de vida e trabalho que moldam a suscetibilidade dos indivíduos à doença. (Marmot, 2005) Ademais, de forma análoga ao conto de Poe, destacaram-se atitudes negacionistas e a formação de "bolhas" privilegiadas, nas quais uma minoria acreditava poder proteger-se isoladamente da comunidade mais ampla. Na ficção, tais estratégias culminam em um acerto de contas dramático no baile de máscaras; na realidade, a pandemia revelou – ao custo de vidas humanas – quão ineficazes podem ser as respostas individualistas e a inação política diante de ameaças sanitárias generalizadas (Bambra et al., 2020; Yao, 2023).

Diante dessas analogias, este artigo oferece uma análise interdisciplinar que integra perspectivas epidemiológicas e de saúde social à análise literária de "A Máscara da Morte Rubra". Por meio de dois eixos temáticos centrais - a prevenção primária e os determinantes sociais da saúde - este estudo contextualiza criticamente as decisões e comportamentos das personagens de Poe, alinhando-os a conceitos consolidados em saúde pública. Sob essa convergência, a narrativa gótica de Poe transcende seu engajamento estético com o horror, transformando-se em um poderoso dispositivo para examinar a desigualdade, o negacionismo e o imperativo moral da responsabilidade coletiva perante as epidemias.

## **Metodologia**

Este estudo adota uma abordagem interdisciplinar que conjuga a análise literária com aportes das humanidades médicas e da epidemiologia. A metodologia fundamenta-se em uma leitura crítica (*close reading*) de "A Máscara da Morte Rubra" de Edgar Allan Poe (Poe, 1842), com enfoque em passagens que retratam o isolamento do Príncipe Próspero, o baile de máscaras e a peste, interpretados aqui como símbolos da disparidade social, do negacionismo e dos limites do controle de doenças. Posteriormente, o estudo integra referenciais da literatura epidemiológica com o objetivo de revelar convergências entre a narrativa gótica de Poe e crises epidêmicas reais. Busca-se, assim, oferecer uma exploração nuançada das formas como as representações literárias da doença espelham desafios concretos da saúde pública.

## **A Máscara da Morte Rubra e a Alegoria da Epidemia**

Edgar Allan Poe inicia "A Máscara da Morte Rubra" imergindo o leitor em uma atmosfera de terror epidêmico. Desde as primeiras linhas, ele introduz a sinistra peste que assola o reino do protagonista: "A 'Morte Rubra' há muito devastava o país. Nenhuma pestilência jamais fora tão fatal, ou tão hedionda. O Sangue era seu Avatar e seu selo – a vermelhidão e o horror do sangue." A sintomatologia é abrupta e aterradora: "Havia dores agudas, e súbita vertigem, e então profusa sangria pelos poros, com a dissolução" – um colapso fisiológico fulminante culminando em morte (Poe, 1842). A descrição por Poe dessa doença fictícia apresenta semelhanças notáveis com surtos reais de doenças, como a Peste Negra e a cólera, ambas tendo potencialmente influenciado sua narrativa (Wright, 2021).

Todo o curso da infecção, do início ao óbito, desenrola-se em meros 30 minutos, reforçando a letalidade inescapável da peste. Este retrato vívido da Morte Rubra estabelece imediatamente, em nível simbólico, a inevitabilidade e a onipresença da mortalidade: sua rapidez e ferocidade não deixam espaço para resistência, servindo como um prenúncio alegórico de que nenhum mortal pode, em última instância, escapar ao próprio fim.

Em resposta a esta catástrofe, Poe introduz seu protagonista, Príncipe Próspero, como um homem de ação decisiva, porém de ética falha. Em vez de mobilizar recursos para ajudar seus súditos assolados pela peste, Próspero adotou uma estratégia de autopreservação egoísta. Ele seleciona mil nobres cortesãos, aparentemente saudáveis, e os isola dentro de uma de suas abadias fortificadas, selando-se do mundo exterior. Poe descreveu meticulosamente as precauções tomadas: "Um muro forte e alto a cingia. Este muro tinha portões de ferro. Os cortesãos, tendo entrado, trouxeram fornalhas e maçaricos maciços e soldaram os ferrolhos." Próspero e seus convidados asseguram que "nenhum meio de entrada ou saída" permaneceria, decretando que nenhum "estranho" pudesse ingressar (Poe, 1842).

Por meio desse ato de exclusão, Próspero epitomiza um padrão recorrente em tempos de crise epidêmica: a crença de que privilégio, isolamento e barreiras físicas podem resguardar poucos selecionados de uma ameaça universal (Bambra et al., 2020). Contudo, como revelam os eventos subsequentes da narrativa, tais ilusões de controle são, em última análise, fúteis.

A abadia foi abundantemente abastecida com provisões, garantindo que, em teoria, este grupo seletivo pudesse permanecer isolado por meses sem contato externo. Confiantes em sua reclusão autoimposta, acreditavam que poderiam "desafiar o contágio" e esperar com segurança que a peste diminuísse para além de suas muralhas fortificadas. A atmosfera interna contrasta flagrantemente com a devastação que se desenrolava externamente. Poe sublinha o hedonismo e o distanciamento cultivados intramuros: "O príncipe havia providenciado todos os aparatos do prazer. Havia bufões, havia improvisadores, havia bailarinas, havia músicos, havia beleza, havia vinho." (Poe, 1842). Essa justaposição explícita acentua a crítica social subjacente da obra – a extravagância, a alegria e a indulgência despreocupada da elite enclausurada existindo em paralelo ao sofrimento indescritível da

população abandonada. Próspero considera tolice lamentar ou mesmo contemplar a morte, uma mentalidade que reflete seu descaso deliberado pela realidade para além dos portões da abadia (Poe, 1842). Seu comportamento revela um mecanismo de defesa psicológica – a negação, um conceito amplamente discutido em contextos de enfrentamento da mortalidade (Kübler-Ross, 1969) –, pelo qual ele escolhe ignorar a catástrofe, imergindo-se inteiramente no prazer imediato – uma tendência ademais amplificada pelo distanciamento social dos privilegiados.

Essa negação deliberada, que em termos contemporâneos pode ser classificada como negacionismo (Honsey, 2020), é crucial para compreender como Próspero e seus cortesãos conseguem continuar suas festividades enquanto o resto do mundo perece. Seu negacionismo repousa na ilusão de que, uma vez seladas as portas, a ameaça não pode alcançá-los – uma atitude sucintamente capturada pela noção de que "o mundo exterior que se arranje por si mesmo". Consequentemente, a abadia transforma-se em um microcosmo no qual a elite acredita exercer controle absoluto sobre seu destino.

A cena mais impactante desenrola-se tarde da noite, quando uma figura não convidada e até então despercebida surge subitamente. Sua aparência é macabra: veste trajes fúnebres manchados de sangue e uma máscara que imita o rosto de uma vítima devastada pela Morte Rubra, com a superfície marcada pelas manchas carmesins da peste. A mera visão dessa aparição provoca um calafrio na multidão, pois ela encarna o horror que todos ali buscavam ignorar – a presença inegável da peste dentro de seu suposto santuário (Poe, 1842). Poe descreve como uma onda de terror percorre o baile de máscaras, à medida que os convidados reconhecem a audácia do intruso, que parece personificar a própria Morte Rubra no coração de sua folia (Almahameed et al., 2018).

O Príncipe Próspero, ao notar o intruso, é tomado por fúria – em parte pelo medo, em parte pelo insulto à sua autoridade e à ilusão de segurança que tão cuidadosamente cultivara. Em um acesso de raiva imprudente, ele agarra um punhal e persegue pessoalmente a figura mascarada através da sucessão de câmaras, da azul à púrpura, depois verde, até alcançar a última sala, negra e vermelha. (Yoon, 2021) Sob a badalada sinistra do relógio de ébano, Próspero solta um grito agudo e desaba, sem vida – abatido sem jamais ter tocado seu adversário. Os convidados restantes, paralisados pelo choque, mas tomados pela “selvagem coragem do desespero”, avançam em uma tentativa desesperada de subjugar a figura enigmática. Contudo, ao agarrarem as vestes do intruso e arrancarem sua máscara, deparam-se com o puro horror: não há nada por baixo. A mortalha ensanguentada caiu vazia em suas mãos trêmulas, revelando que não havia forma tangível a ser morta (Poe, 1842).

Nesse momento, a ilusão finalmente se desfaz: a presença que instila terror é a própria Morte Rubra, que se infiltrara despercebida no baile. A conclusão da história é sombria e absoluta. Poe encerra a narrativa com uma passagem breve, porém definitiva, que sublinha a derrota final dos refugiados: “E então foi reconhecida a presença da Morte Rubra. Ela viera como um ladrão na noite. [...] E as Trevas e a Decadência e a Morte Rubra tiveram, sobre todos, ilimitado domínio” (Poe, 1842). Assim, a fortaleza,

antes tida como inexpugnável, colapsa, provando que nenhuma barreira de riqueza ou privilégio pode deter a mortalidade.

Sob uma perspectiva literária, "A Máscara da Morte Rubra" funciona como uma parábola sobre a inevitabilidade da morte e a insensatez da arrogância humana. O conto gira em torno do paradoxo de uma elite privilegiada que sucumbe à mesma peste que devasta a sociedade em geral – uma catástrofe da qual se acreditavam inteiramente isolados. O horror da história não deriva da destruição do mundo externo – essa devastação é tida como um dado adquirido –, mas sim do fracasso das defesas supostamente impenetráveis da elite. (Wright, 2021).

Ademais, a figura mascarada da Morte Rubra pode ser interpretada como a personificação da verdade suprimida que retorna para assombrar aqueles que se recusam a reconhecê-la. Durante todo o baile de máscaras, Próspero e seus convidados entregam-se à ocultação, tanto literal quanto figurativa, para reprimir o medo da peste. Ironicamente, é uma máscara que os confronta com a realidade inescapável da doença. Quando Próspero afirma que o intruso é uma “blasfêmia” e ordena a seus convidados que o desmascarem e executem, ele está, em essência, tentando rejeitar a noção de que a morte violou seu santuário (Yoon, 2021).

O negacionismo atinge seu ápice nesta cena: mesmo na presença de um espectro inquietante e sobrenatural, os nobres inicialmente optam por acreditar que se trata meramente de um folião mascarado, em vez de aceitar a realidade da presença da morte entre eles. Somente quando as vestes caem vazias em suas mãos a presença da Morte Rubra é finalmente reconhecida, sem mais ilusões a que se apegar.

### **Prevenção Primária e Determinantes Sociais da Saúde**

Sob uma ótica epidemiológica, o cenário descrito em "A Máscara da Morte Rubra" espelha um surto de doença infecciosa altamente letal no qual apenas um segmento privilegiado da sociedade implementa medidas de isolamento. Essa resposta seletiva sublinha desigualdades estruturais que moldam a vulnerabilidade populacional a doenças, um conceito essencial no estudo dos determinantes sociais da saúde (DSS) (Lin et al., 2022).

Em epidemiologia, os esforços de controle de doenças são comumente classificados em diferentes níveis de prevenção. A prevenção primária engloba medidas destinadas a evitar o surgimento da doença, abordando suas causas subjacentes e fatores de risco antes da ocorrência da infecção (Gordis, 2008). Isso inclui estratégias de promoção da saúde e intervenções protetoras específicas, como vacinação em massa, infraestrutura de saneamento e o incentivo a comportamentos preventivos (p. ex., uso de preservativos e higiene das mãos) – práticas amplamente reconhecidas na literatura médica como eficazes na redução da carga de doença (Fletcher, 2019).

No contexto de doenças infecciosas epidêmicas ou pandêmicas, a prevenção primária também envolve esforços para conter a transmissão, incluindo o uso de máscaras, distanciamento social (e quarentena) e protocolos de higiene aprimorados. Tais estratégias possuem precedentes históricos – o



termo “quarentena” origina-se do italiano *quaranta giorni*, referindo-se ao período de isolamento de 40 dias imposto a navios e portos durante a peste bubônica no século XIV. Contudo, a eficácia dessas intervenções depende tanto do entendimento científico quanto de respostas coordenadas de saúde pública, pois a contenção bem-sucedida requer a identificação precisa das vias de transmissão e a implementação de medidas preventivas de forma equitativa e abrangente (Bambra et al., 2020; Stark, 1977).

Notavelmente, a estratégia de Próspero de isolar-se na abadia juntamente com um grupo cuidadosamente selecionado de nobres pode ser interpretada como uma tentativa rudimentar de prevenção primária – especificamente, uma forma de isolamento seletivo visando proteger indivíduos (presumivelmente) não infectados da exposição à Morte Rubra. Em princípio, evitar o contato direto com a fonte de infecção é um dos métodos epidemiológicos mais eficazes para prevenir a transmissão de doenças contagiosas. Contudo, diversos desafios surgem ao avaliar a eficácia e as implicações éticas dessa abordagem no contexto do conto.

O primeiro desafio diz respeito ao processo de seleção: a quem se concede proteção? Próspero escolhe a dedo apenas os membros da nobreza, excluindo deliberadamente o restante da população. Essa decisão realça uma questão crítica em saúde pública: o papel dos determinantes sociais da saúde (DSS) – as condições econômicas, ambientais e sociais que influenciam riscos e desfechos em saúde nas populações. No reino fictício de Poe, assim como na realidade, indivíduos de baixa renda são frequentemente marginalizados durante crises, com pouco ou nenhum acesso a medidas protetoras ou cuidados médicos, enquanto os mais abastados possuem recursos para buscar refúgio. Consequentemente, a mortalidade não pode ser reduzida a um fenômeno biológico, uma vez que reflete também a posição social (Karmakar; Lantz; Tipirneni, 2021; Marmot, 2005).

Nesse sentido, a Morte Rubra serve como alegoria para numerosas crises históricas e contemporâneas nas quais populações marginalizadas foram abandonadas em tempos de emergências de saúde pública. Determinantes sociais como moradia, renda, condições de trabalho e educação ditam quem tem o privilégio de se isolar do contágio e quem é forçado à exposição. Por exemplo, durante a pandemia de COVID-19, indivíduos de estratos socioeconômicos mais elevados puderam isolar-se em suas casas e migrar para o trabalho remoto, enquanto trabalhadores de baixa renda permaneceram em atividades presenciais, muitas vezes enfrentando transporte público lotado e condições de trabalho precárias. Como resultado, esses grupos enfrentaram taxas desproporcionalmente mais altas de infecção e mortalidade (Bambra et al., 2020; Rocha et al., 2021). Essa realidade sublinha um princípio fundamental da epidemiologia: embora patógenos virais possam, em teoria, infectar todos os humanos indiscriminadamente, o impacto populacional de um surto é moldado por iniquidades estruturais preexistentes.

Sob uma perspectiva contemporânea, a vulnerabilidade a doenças não é somente uma condição biológica; ao contrário, é socialmente construída. A capacidade de evitar ou sobreviver a uma epidemia

está diretamente ligada a fatores como educação, acesso a recursos e poder político (Torres; López-Cevallos; Sacoto, 2020). A Comissão sobre Determinantes Sociais da Saúde da Organização Mundial da Saúde (OMS) enfatiza que as disparidades em saúde, tanto dentro quanto entre nações, são reflexos de iniquidades mais amplas nas condições de vida e trabalho, as quais, por sua vez, levam a riscos graduados para doenças (Musolino; Davis, 2025). O conto de Poe oferece uma ilustração caricatural desse princípio: uma elite privilegiada entrincheirada em uma fortaleza, enquanto uma massa desprotegida enfrenta a devastação, sem apoio adequado. Em essência, a história antecipa, em forma literária, o que a pesquisa contemporânea em saúde pública articula como determinantes sociais da saúde.

Outro conceito epidemiológico chave relevante para "A Máscara da Morte Rubra" é a imunidade de rebanho, tecnicamente referida como imunidade coletiva (Desai; Majumder, 2020). Em epidemiologia, a imunidade coletiva ocorre quando uma proporção suficientemente grande de uma população se torna imune a uma doença, seja por vacinação ou infecção prévia, interrompendo assim a cadeia de transmissão e protegendo indiretamente aqueles que permanecem suscetíveis. No início de uma epidemia, a maioria dos indivíduos não possui imunidade, permitindo que a doença se espalhe rapidamente pela população.

Em uma epidemia sem intervenção, a doença eventualmente atinge seu limite natural. Com o tempo, os indivíduos infectados ou se recuperam – potencialmente adquirindo imunidade, embora às vezes com sequelas duradouras – ou sucumbem à doença. Em ambos os cenários, o número de indivíduos suscetíveis diminui, levando a um declínio nas taxas de transmissão e, por fim, à resolução da epidemia. Contudo, esse "freio" na transmissão pode ter um custo enorme em vidas humanas. Embora o conto de Poe não aborde explicitamente esse conceito, pode-se inferir que, fora da abadia, a Morte Rubra eventualmente teria esgotado seu contingente de hospedeiros suscetíveis. Uma vez que o patógeno tivesse devastado metade da população, a transmissão poderia ter desacelerado devido à falta de novos hospedeiros.

Epidemiologicamente, a estratégia de Próspero pode ser interpretada como uma falha em mobilizar a imunidade coletiva de base ampla, a qual, em contextos modernos, poderia ser reforçada por meio de intervenções coordenadas de saúde pública, como desenvolvimento de vacinação e estratégias de cuidados de saúde comunitários voltadas para reduzir a gravidade da doença. Em vez disso, ele optou por um modelo excludente de "bolha", isolando um grupo seletivo sob a presunção de que barreiras físicas por si só forneceriam proteção suficiente. Como visto no desfecho do conto, essa estratégia mostrou-se falha: bastou uma única brecha para que o "vírus" – personificado como a Morte Rubra – se infiltrasse em uma população inteiramente desprotegida, resultando em mortalidade absoluta (Thomas, 2022).

A alegoria pode ser estendida ainda mais ao considerar que, em tempos de crises coletivas, decisões individualistas falham em resolver problemas sistêmicos. Quando uma crise é estrutural, a solução também deve ser sistêmica (Adler (USA) et al., 2022). Esse princípio é subjacente à vacinação,



que não representa uma intervenção de saúde individual, mas um contrato social. Similarmente, a ciência epidemiológica contemporânea enfatiza que uma resposta eficaz a pandemias requer coesão social e estratégias de saúde pública abrangentes (Stoddard et al., 2021).

Durante a pandemia de COVID-19, uma das declarações mais frequentemente repetidas por organizações internacionais de saúde foi: "Ninguém está seguro até que todos estejam" (Berkley, 2021). Essa frase reconhece que, em um mundo interconectado, é fútil para um grupo proteger-se enquanto outros permanecem expostos, pois doenças infecciosas inevitavelmente ressurgem, mesmo entre aqueles que inicialmente se consideravam seguros.

Ademais, a ilusão do controle absoluto, seja por meios físicos ou tecnológicos, é outro aspecto da história que pode ser submetida à análise epidemiológica. Próspero confia unicamente em suas muralhas fortificadas e portões selados para proteger contra patógenos invisíveis. No entanto, microrganismos podem contornar barreiras físicas de maneiras inesperadas. Se interpretarmos a Morte Rubra como um vírus, existiriam múltiplas rotas plausíveis de entrada, tais como: um convidado assintomático, porém com infecção ativa; um vetor biológico, como um mosquito no caso de arboviroses (p. ex., dengue); objetos contaminados, como roupas ou suprimentos vindos de fora, carregando o patógeno etc.

Essas possibilidades sugerem que a fortaleza de Próspero proporcionava uma ilusão de segurança em vez de proteção real. Tais equívocos de julgamento são frequentemente observados em crises do mundo real, onde garantias enganosas de segurança, resultantes de intervenções inadequadas, contribuem para comportamentos imprudentes. Por exemplo, durante a pandemia de COVID-19, a promoção generalizada do uso de hidroxicloroquina, apesar da falta de evidências científicas, foi apresentada como cura ou prevenção, podendo ter levado a possível complacência. Similarmente, o uso inadequado de máscaras e a confiança em coberturas faciais ineficazes ou incorretamente utilizadas reduz a efetividade em minimizar o risco de exposição (Jefferson et al., 2023).

Finalmente, o comportamento de Próspero apresenta paralelos com o fenômeno do negacionismo científico. Embora a história do conto careça de conhecimento científico explícito a ser descartado (já que a natureza da peste permanece desconhecida), ela apresenta um claro exemplo de rejeição da realidade (Hornsey, 2020). Próspero e seus cortesãos evitam notícias do mundo exterior, recusam-se a olhar pelas janelas os sinais da morte e reprimem qualquer menção à peste – um caso clássico de negação coletiva.

Em pandemias reais, o negacionismo manifesta-se pela minimização dos riscos ("não é tão grave"), pela rejeição de evidências científicas (como a eficácia das vacinas) e pelo engajamento em comportamentos que aumentam a exposição. No Brasil, por exemplo, durante a crise da COVID-19, o discurso oficial minimizou o vírus como meramente "uma gripezinha", desencorajando medidas preventivas – o que, em última análise, contribuiu para altas taxas de transmissão e mortalidade (Lopes, 2024). Tal negacionismo está frequentemente ligado à liderança política, que fomenta um falso senso

de segurança ou prioriza interesses econômicos e políticos em detrimento das recomendações de saúde pública.

Quando a figura da Morte Rubra aparece no baile de máscaras, alguns convidados reagem com “profunda ofensa” – não por causa de qualquer ameaça imediata que ela represente, mas porque os força a confrontar a realidade que escolheram negar. Essa reação espelha a resposta de certas autoridades quando confrontadas com dados alarmantes durante uma crise; em vez de reconhecer a gravidade da situação e agir, direcionam sua frustração para o mensageiro – frequentemente, a evidência científica. Próspero denuncia a aparição como uma blasfêmia e responde com raiva e irracionalidade. Esse momento recorda a citação amplamente atribuída a Ayn Rand: “Você pode ignorar a realidade, mas não pode ignorar as consequências de ignorar a realidade.”

Sob a perspectiva da saúde pública, o conto de Poe serve como um exemplo paradigmático de como não gerenciar uma epidemia. Não houve tentativa de prevenção primária (como vacinação, medidas sistêmicas, comunicação de risco), prevenção secundária (detecção precoce, isolamento de casos ou medidas de contenção) nem prevenção terciária (intervenções médicas para reduzir complicações graves e mortalidade) (Gordis, 2008); Em vez disso, o que se desenrola é uma série de decisões impulsionadas pelo medo e pelo privilégio, que refletem uma compreensão fundamentalmente equivocada da saúde populacional. Essas escolhas equivocadas levam a consequências desastrosas para a maioria, que perece do lado de fora sem ajuda, e para a minoria isolada, que sucumbe assim que suas frágeis defesas são rompidas.

### **Considerações finais**

A análise de “A Máscara da Morte Rubra” revela como a imaginação gótica de Edgar Allan Poe se intersecciona com preocupações contemporâneas de saúde pública, expondo as iniquidades sociais que moldam as crises sanitárias. A história demonstra que mesmo os privilegiados permanecem vulneráveis, pois nenhum isolamento é absoluto diante de um patógeno que prospera na interconexão humana.

Sob uma perspectiva epidemiológica, a narrativa critica a falha na implementação de medidas amplas de prevenção e na abordagem dos determinantes sociais da saúde. Ao ignorar o sofrimento para além de suas muralhas, Próspero inadvertidamente sela seu destino e o de seu círculo de elite – uma lição repetida ao longo da história em eventos que vão das pestes medievais à pandemia de COVID-19. A obra de Poe serve, assim, como um lembrete atemporal de que respostas eficazes em saúde pública requerem o reconhecimento de nossa interdependência social, o dismantelamento das desigualdades e a tomada de decisões baseadas em evidências científicas, em vez da negação ou da arrogância.

## Referências

ADLER, N. J. et al. The Grand Challenge None of Us Chose: Succeeding (and Failing) Against the Global Pandemic. In: OSLAND, J. S.; REICHE, S. B.; SZKUDLAREK, B.; MENDENHALL, M. E. (org.). **Advances in Global Leadership**, 2022. p. 3–85. DOI: <https://doi.org/10.1108/S1535-120320220000014002>.

ALMAHAMEED, A. A. et al. Death Portrayals in Edgar Allan Poe’s ‘The Masque of the Red Death’: A Transtextual Study in Relation to the Holy Qur’an and Arabic Literary Heritage. **Advances in Language and Literary Studies**, v. 9, n. 5, p. 84, 31 out. 2018. DOI: <https://doi.org/10.7575/aiall.v.9n.5p.84>.

BAMBRA, C.; RIORDAN, R.; FORD, J.; MATTHEWS, F. The COVID-19 pandemic and health inequalities. **Journal of Epidemiology and Community Health**, v. 74, n. 11, p. 964–968, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1136/jech-2020-214401>.

BERKLEY, S. **No one is safe until everyone is safe**. Disponível em: <https://www.gavi.org/vaccineswork/no-one-safe-until-everyone-safe>. Acesso em: 28 fev. 2025.

BHAT, K. **Pandemics, Literature and Re-visions of Society**. Em: Pandemics and Literature. New Delhi: Routledge India, 2024.

CALLEGARI, B.; FEDER, C. A Literature Review of Pandemics and Development: the Long-Term Perspective. **Economics of Disasters and Climate Change**, v. 6, n. 1, p. 183–212, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1007/s41885-022-00106-w>

DESAI, A. N.; MAJUMDER, M. S. What Is Herd Immunity? **JAMA**, Chicago, v. 324, n. 20, p. 2113, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1001/jama.2020.20895>.

FLETCHER, G. S. **Clinical Epidemiology: The Essentials**. 6 ed ed. Philadelphia: Wolters Kluwer Health, 2019.

GANGULY, S. et al. **Impact of Pandemics**. Em: GOYAL, M. K.; GUPTA, A. K. (Eds.). Integrated Risk of Pandemic: Covid-19 Impacts, Resilience and Recommendations. Singapore: Springer Nature, 2020. p. 107–132.

GORDIS, L. **Epidemiology**. Amsterdam: Elsevier Health Sciences, 2008.

HORNSEY, M. J. Why Facts Are Not Enough: Understanding and Managing the Motivated Rejection of Science. *Current Directions in Psychological Science*, v. 29, n. 6, p. 583–591, 1 dez. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1177/0963721420969364>

JEFFERSON, T.; DOOLEY, L.; FERRONI, E. et al. Physical interventions to interrupt or reduce the spread of respiratory viruses. **The Cochrane Database of Systematic Reviews**, v. 2023, n. 1, p. CD006207, 30 jan. 2023. DOI: <https://doi.org/10.1002/14651858.CD006207.pub6>

KARMAKAR, M.; LANTZ, P. M.; TIPIRNENI, R. Association of Social and Demographic Factors With COVID-19 Incidence and Death Rates in the US. **JAMA Network Open**, v. 4, n. 1, p. e2036462, 4 jan. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1001/jamanetworkopen.2020.36462>

KARPOUZOU, P.; ZAMPAKI, N. Introduction. Pandemics in the Western Literature and Culture (20th–21st centuries). **Interlitteraria**, v. 27, n. 1, p. 6–17, 24 ago. 2022. DOI: <https://doi.org/10.12697/IL.2022.27.1.2>

KÜBLER-ROSS, E. **On Death and Dying**. New York: Scribner, 1969.

LIN, Q.; PAYKIN, S.; HALPERN, D.; MARTINEZ-CARDOSO, A.; KOLAK, M. Assessment of Structural Barriers and Racial Group Disparities of COVID-19 Mortality With Spatial Analysis. **JAMA Network Open**, v. 5, n. 3, p. e220984, 1 mar. 2022. DOI: <https://doi.org/10.1001/jamanetworkopen.2022.0984>.

LOPES, T. DA C. Reimaginando o Social em Tempos de Pandemia: Negacionismo Científico, Diplomacia Brasileira e o “Vírus do Comunismo”. **Mediações**, v. 29, p. e50079, 25 nov. 2024. DOI: <https://doi.org/10.5433/2176-6665.2024v29n2e50079>

MARMOT, M. Social determinants of health inequalities. **The Lancet**, v. 365, n. 9464, p. 1099–1104, 19 mar. 2005. DOI: [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(05\)71146-6](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(05)71146-6)

MUSOLINO, G. M.; DAVIS, C. M. **Awareness of Self and Social Determinants of Health (SDoH)**. Em: Davis’s Patient–Practitioner Interaction. 7. ed. Oxfordshire: Routledge, 2025.

PATTERSON, G. E.; MCINTYRE, K. M.; CLOUGH, H. E.; RUSHTON, J. Societal Impacts of Pandemics: Comparing COVID-19 With History to Focus Our Response. **Frontiers in Public Health**, v. 9, p. 630449, 12 abr. 2021. DOI: <https://doi.org/10.3389/fpubh.2021.630449>

POE, E. A. **The Masque of the Red Death**. 1842. Disponível em: <https://poemuseum.org/the-masque-of-the-red-death/>. Acesso em: 28 fev. 2025.

ROCHA, R. et al. Effect of socioeconomic inequalities and vulnerabilities on health-system preparedness and response to COVID-19 in Brazil: a comprehensive analysis. **The Lancet Global Health**, v. 9, n. 6, p. e782–e792, jun. 2021. DOI: [https://doi.org/10.1016/S2214-109X\(21\)00081-4](https://doi.org/10.1016/S2214-109X(21)00081-4)

ROSENBERG, C. E. **Explaining Epidemics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

STARK, E. The epidemic as a social event. **International Journal of Health Services**, v. 7, n. 4, p. 681–705, 1977. DOI: <https://doi.org/10.2190/RKRQ-WV6E-DV53-VATT>

STODDARD, M.; VAN EGEREN, D.; JOHNSON, K. E. et al. Individually optimal choices can be collectively disastrous in COVID-19 disease control. **BMC Public Health**, v. 21, n. 1, p. 832, 30 abr. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1186/s12889-021-10829-2>

THOMAS, A. **Writing Plague: Language and Violence from the Black Death to COVID-19**. Cham: Palgrave Macmillan, 2022. p. 1–41. DOI: [https://doi.org/10.1007/978-3-030-94850-4\\_1](https://doi.org/10.1007/978-3-030-94850-4_1)

TORRES, I.; LÓPEZ-CEVALLOS, D. F.; SACOTO, F. Elites can take care of themselves - Comment on COVID-19: the rude awakening for the political elite in low-income and middle-income countries. **BMJ Global Health**, v. 5, n. 7, p. e003063, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1136/bmjgh-2020-003063>

WRIGHT, L. Plague and Cultural Panic: Edgar Allan Poe’s ‘The Masque of the Red Death’. **English Studies in Africa**, v. 64, n. 1–2, p. 47–58, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1080/00138398.2021.1969096>

YAO, X. Black Skin, Red Masques: Reading Frantz Fanon and Audre Lorde in Tension with Edgar Allan Poe. **Modern Languages Open**, v. 2023, n. 1, p. 20, 2023. DOI: <https://doi.org/10.3828/mlo.v0i0.397>

YOON, S. Color Symbolisms of Diseases: Edgar Allan Poe's "The Masque of the Red Death". **The Explicator**, v. 79, n. 1–2, p. 21–24, 16 fev. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1080/00144940.2021.1891014>



Este artigo está disponível em acesso aberto sob a Licença Creative Commons Attribution, permitindo uso ilimitado, distribuição e reprodução em qualquer formato, desde que a obra original seja devidamente creditada.